

São agora 8 horas da manhã e o Inverno faz-se sentir em grande parte das principais capitais europeias. Incontáveis são as pessoas que atravessam as já cansadas calçadas europeias. Sacos de compras vacilam entre mãos frias, guarda-chuvas debatem-se com o vento, e iPhones prendem-se em dedos enregeladamente firmes. Caras desconhecidas caminham rápido, caras familiares caminham ainda mais rápido. A circulação nos grandes centros urbanos não perde tempo, há demasiado para se fazer e há sempre demasiado por fazer...

A cerca de uma dezena de milhar de quilómetros destas ruas e cruzamentos que se movem ao ritmo do tráfego, por entre caminhos de terra batida, poeira esvoaçante e sons optimistas de bicicletas, chega-se à Casa Esperança. São agora 6 horas da manhã e o dia já começou há muito.

A Casa Esperança instituiu-se como orfanato há mais de 20 anos na cidade de Quelimane, capital da Província da Zambézia, em Moçambique. Actualmente alberga cerca de 30 rapazes com idades inferiores a 18 anos.

Encontrados em lixeiras, vítimas de todo o tipo da mais inviolável violência, desalojados e deixados ao relento pelas próprias famílias; são estes os rostos inocentes, com traços esqueléticos e marcas incatrigáveis, que são levados em braços seguros e cuidadosos para a Casa Esperança. A Casa Esperança é o porto seguro para quem vem de lares destruídos com mazelas injustificadas e dificilmente ultrapassáveis. Ao abrigo da Diocese de Quelimane, a Casa Esperança ergue-se no Bairro do Aeroporto e o intuito é providenciar condições, educação, saúde e oportunidades, a todas estas crianças africanas, que o deveriam ter por direito. A fundação da Casa Esperança foi crucial para as centenas de crianças que por lá passaram e continuam a passar, ao longo dos anos. Contudo, uma casa só por si não é auto-suficiente, para que estas crianças recebam todos os meios a que têm direito e possam desfrutar de um crescimento equilibrado e de uma vida estruturada, é necessário que toda esta teoria seja posta em prática de forma eficaz.

É nestes termos que o trabalho de voluntariado levado a cabo pela **ataca** (Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana) existe. Os voluntários da **ataca** existem para concretizar estas funções, para as tornar possíveis e reais.

Fundada em Portugal há cerca de 4 anos, a **ataca**, estabeleceu-se recentemente como ONG portuguesa. Contudo, e na prática, a **ataca**, é de dupla nacionalidade. As equipas **ataca** não são portuguesas, são portuguesas e moçambicanas. Compostas por pessoas individuais com culturas diferentes e backgrounds independentes, dividem-se entre os que passam noites em claro após dias de trabalho intensos, a processar e a reencaminhar informação em Portugal, até aos que estão no local a ser “os olhos” dos que cá ficam. São equipas que realçam a verdadeira essência do trabalho em equipa – a colaboração.

A Casa Esperança recebe alternadamente voluntários portugueses que vivem no orfanato com as crianças ao longo dos meses de missão. O trabalho de um voluntário nunca é suficiente nem eficiente, se não for continuado pelo voluntário que o sucede. Como tal, há sempre um tempo de transição entre os voluntários que chegam e os que partem para que uns passem “a pasta” aos outros. Deste modo, o trabalho nunca pára. Em simultâneo, a orientação é dada pela única figura permanente do trabalho no terreno, o crucial colaborador moçambicano da **ataca**, o

Evaristo. O Evaristo, que foi criança da Casa Esperança durante vários anos, depois de ultrapassar os 18 anos, tornou-se parte da **ataka**. É ele quem orienta todas as equipas de voluntários, não só por conhecer toda a comunidade e ser estimado por todos, mas também por falar o dialecto local e conhecer as pessoas e a terra como as palmas da sua mão.

Na Casa Esperança o dia começa cedo, às 5 da manhã, o sol já se faz atravessar pelas redes mosquiteiras que cobrem as janelas entreabertas e o som das vozes das crianças a cantar por entre correrias e gargalhadas, desperta o sono de todos. A temperatura média diária ultrapassa os 30 graus nos meses de calor, havendo oscilações regulares causadas sobretudo pelas chuvas tropicais. O banho é tomado num conjunto de tanques com torneiras de água do poço e os uniformes pendurados num alpendre. Às 6 da manhã, depois do mata-bicho (pequeno almoço), as crianças seguem para a escola do Aeroporto.

Por esta altura começa o dia de trabalho dos voluntários que residem na Casa Esperança, bem cedo porque o trabalho das equipas **ataka** não se restringe à Casa Esperança, há outras 120 famílias que os aguardam. É hora de pegar nas bicicletas rumo aos bairros das comunidades de Quelimane. As famílias apoiadas pela **ataka** são identificadas minuciosamente pelo Secretário de cada bairro, que o conhece como ninguém, e criteriosamente seleccionadas de acordo com as verdadeiras necessidades. Os voluntários fazem o percurso de vários quilómetros, coordenados pelo Evaristo, e vão casa a casa visitar as famílias do projecto. O objectivo deste trabalho é entregar dinheiro às famílias e acordar com elas de que forma o dinheiro será empregue. Este processo não é feito de forma aleatória, a prioridade são sempre as crianças que moram nas casas, e todo o restante montante é utilizado para tornar mais dignas as condições habitacionais, para alimentação e para investimento em negócios. As famílias são incentivadas a iniciar os seus próprios negócios (amendoim, arroz, carvão, etc.) pois o fim último é que se autonomizem e que a **ataka** deixe de ser necessária. Os voluntários dão também assistência e aconselhamento nomeadamente no que concerne ao HIV e à Malária. Semanas depois, os voluntários repetem o trajecto e confirmam se o dinheiro foi bem empregue ou não.

Regressados dos bairros, os voluntários dão explicações às crianças da Casa Esperança, e exploram com elas actividades extra-curriculares, num misto de diversão e pedagogia. Os fins-de-semana são reservados para explicações às crianças dos bairros e têm lugar numa escolinha de um dos principais bairros de Quelimane, o bairro de Coalane II.

A circulação veloz dos grandes centros europeus e das sociedades modernas é quem permite que todo este processo aconteça. Cada pessoa que caminha por entre as multidões é, ou pode ser, responsável por dar a mais uma destas crianças os direitos humanos que deveriam ser seus, por direito. A **ataka** não está isolada, tal como nenhuma pessoa pode estar. Cada uma destas crianças é sustentada por um cidadão comum, um tutor, que a utiliza como intermediário para chegar onde ele, nem sempre pode. A **ataka** é um facilitador de relações humanas, é o meio pelo qual qualquer pessoa pode quebrar barreiras, ultrapassar fronteiras e chegar perto de alguém que precisa. É uma forma de estarmos juntos.

Marta Menezes